

MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO E O CONSUMISMO

2012

Viviane de Castro Freire

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS (Brasil)

E-mail:

vivianecastrofreire@yahoo.com.br

RESUMO

Freud explica em seus textos que a civilização é um controle da interação entre as pessoas, o que leva-os diante da intensificação pela civilização a uma busca do prazer, portanto associado ao consumismo esta satisfação é rápida, ou seja, da mesma forma que ela ocorre, ela é substituída por outra insatisfação, sendo assim o indivíduo esta sempre tendo que buscar renovar seus desejos.

Palavras-chave: civilização, prazer e desprazer, consumismo

1. INTRODUÇÃO

Para Freud (1996), no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936] civilização significa o controle das formas de socialização entre pessoas. Assim pode-se entender que a civilização é admitida pelos homens com intuito de serem mais justos, pois não se faz nada para o benefício de uma pessoa mas sim para um grupo.

O grande conflito dos indivíduos e a civilização acontece quando é intensificado as idéias de civilização o que acaba impedindo a busca pelo prazer. Dessa forma o ser humano estará sempre abrindo mão do prazer, e deste modo se sujeita a encontrar meios para evitar o desprazer.

Assim ao analisar a contemporaneidade, caracterizada pelo consumismo, que tem como fundamento a busca por uma satisfação rápida.

Dessa forma este estudo tem como objetivo entender a influencia do consumismo na civilização moderna, através, dos textos de Freud, e discutido por outros autores sobre o mesmo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Mal estar na civilização

Para Freud (1996), no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936] , o conceito de civilização se remete ao controle das formas de socialização entre as pessoas, e ao discutir esta questão é possível perceber que se não houvesse a civilização, o homem iria reagir as circunstâncias da vida através de seus instintos, o que aconteceria da seguinte maneira, o homem mais forte dominaria os demais. Neste sentido entende-se que a civilização é forçosamente adotada pelos homens com intuito de serem mais justos, pois não se faz nada, somente para o benefício de uma pessoa, mas sim para um grupo, pois a civilização tem em vista a união de varias pessoas mais fortes, a qual controla o restante e não de somente uma controlando todo restante. Deste modo pode-se entender que a cada individuo que possui uma característica peculiar e satisfatória, em algum âmbito, este invoca sua aptidões para a execução de um trabalho que contribuirá para a socialização.

Segundo Freud (1996), no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936] o termo civilização está embutido tudo aquilo em que a vida humana se eleva ou acaba por se diferenciar da vida animal, apresentando dois aspectos principais. Por um lado, propiciou ao homem os conhecimentos e técnicas necessárias para compreender e dominar a natureza e, por outro, acabou por gerar um sistema de regras que visa ajustar as relações e a distribuição de riqueza entre os homens, porém, estas duas tendências não são independentes entre si.

O alto preço pago para viver na civilização, implica em que a vida humana se eleve ou se diferencie da vida animal, à partir de duas tendências fundamentais. Se por um lado, essa diferenciação propiciou ao homem os conhecimentos e técnicas necessárias para compreender e dominar a natureza; por outro, acabou por gerar um sistema de regras que visa ajustar as relações e a distribuição de riqueza entre os homens. Essas duas tendências não são independentes entre si. Ao contrário, muitas vezes acabam por se interpenetrar, como quando um homem elege outro membro da sociedade como o seu objeto sexual e este adquire, para ele, o status de riqueza.

O homem com os seus impulsos hostis, deve ser controlado para que a distribuição de riquezas, a ciência, a tecnologia e as demais criações humanas não sejam usurpadas por um indivíduo totalmente entregue aos seus impulsos, que acabariam por destruir estas criações e, até a própria civilização.

A coerção passa a constituir a única maneira viável pela qual a civilização pode controlar estes impulsos individuais, visto que, se de alguma maneira fosse possível realizar-se uma reordenação nas relações humanas de modo que o recalque destas pulsões destrutivas não mais constituísse um sacrifício para o indivíduo, talvez o processo civilizatório estagnasse, pois, são

estas mesmas pulsões que impelem o homem a gerar novas realizações que garantirão a manutenção do processo civilizatório.

2.2. A busca do prazer e o desprazer

O grande conflito entre o indivíduo e civilização é exarcebado na medida em que a coerção inerente ao processo civilizatório torna-se tão intensa que acaba por impedir a busca do prazer. Assim, o homem moderno será, cada vez mais, obrigado a abrir mão do prazer, devendo se contentar em encontrar meios para evitar o desprazer, ou seja, encontra-se, cada vez mais, à mercê da pulsão de morte. (FREUD, 1996 no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936])

O sofrimento indica uma forma de tensão interna que necessita de uma solução. Pois essa forma de tensão não significa ser decorrente de uma dor, que precise de uma solução medica. O organismo, como necessidade de vida, demonstra-se em constante estado de tensão, aguardando ser saciado, de uma distensão, de uma descarga.

Dantas & Tobler (2003, p.04) citando Freud afirmam:

(...) Estar vivo é encontrar-se permanentemente sob estado de tensão. Nosso sofrimento ou felicidade advém da própria dinâmica do desejo. Nada mais enigmático, inquietante e admirável do que o desejo. O desejo nunca está satisfeito, não descansa, persiste e se multiplica, nos consumindo. Porém, é ele que nos sustenta e nos levanta, nos mantendo vivos.

Freud (1996) no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936], amplia um pouco mais esta questão, afirmando que o homem moderno não mais dedica a sua vida exclusivamente para a obtenção do prazer, porém, antes que tente atender a esta premissa essencial para a garantia de sua saúde mental, o sujeito deve tentar encontrar meios para evitar o desprazer que pode se originar de três fontes principais: do seu próprio ego, na medida em que é obrigado a lidar com o crescente acúmulo de energia gerado por sucessivas experiências desprazerosas; das relações interpessoais e da percepção do meio externo, sendo que, a quantidade de desprazer oferecidas pelas diversas situações implicadas nestas duas últimas categorias acabam por levar o ego do sujeito a tentar separar-se do mundo externo, ou melhor, a introjetá-lo e depois separar-se dele. Assim, viver implica em sofrimento, pois, a vida civilizada é repleta de diversos sofrimentos, decepções e atividades impossíveis.

O problema do sofrimento psíquico para Freud (1996) no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936], está ligado ao fato de que o nível de coerção da civilização moderna, se tornou tão grande e sofisticado que o sujeito não consegue mais conseguir encontrar vias de satisfação ou de sublimação para o seu desejo, devendo se contentar com o que Freud denomina:

“Medidas Paliativas”, que se constituem em paliativos para permitir ao sujeito suportar o sofrimento psíquico em decorrência de abrir mão do princípio do prazer.

No intuito de suportar o sofrimento decorrente da vida em civilização, Freud (1996) no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936] afirma que faz-se necessário o uso de medidas paliativas, ou seja, satisfações substitutivas que possibilitem ao indivíduo lidar com a dor da existência cotidiana na civilização. Estas medidas paliativas são a ciência, as artes e as substâncias tóxicas.

Assim Stacechen & Bento (2008, p.428), explicando Freud, afirmam que:

(...) De certa forma, se vêem nessas medidas paliativas saídas aparentemente mais fáceis do que encarar a dura realidade que se impõe e que restringe o prazer do homem.

2.3. A civilização e o consumismo

Analisando a contemporaneidade caracterizado pelo consumismo, percebe-se que é possível estabelecer uma relação com as medidas paliativas. A idéia de consumo traz consigo o modo de pensar, na esperança de encontrar na realidade uma satisfação rápida. Tanto por meio de uma satisfação substitutiva, quanto uma ilusão de felicidade, a ação de consumir se iguala as medidas paliativas. No que se trata da procura do consumo ilimitado se assemelha no ultimo momento, pela busca do dependente químico pela droga. Refere-se a uma procura na qual a imaginação é tão intensa que torna semelhante ao da masturbação, que acontece de maneira solitária idealizando objetos de um gozo perfeito (STACECHEN & BENTO, 2008).

Quanto ao uso de substâncias tóxicas, é visto como um mecanismo indispensável, e um nível grande, estimado de independência do mundo externo, é perceptível que com a ajuda desse redutor de preocupações, notar em qualquer momento, um distanciamento da realidade e encontrar saída no mundo próprio, com melhores funções de sensibilidade. (FREUD, 1996 no texto: “Mal Estar na Civilização” [1930-1936])

De acordo com Stacechen & Bento (2008), apesar dos produtos de consumo não ter as características intoxicantes, suas aquisições são exageradas na atualidade. Percebe-se que a uma associação por meio da idéia do capitalismo consumista e a toxicomania, pois neste aspecto nota-se uma proximidade entre ambos, no sentido de que existe uma proposta de felicidade fácil que incentiva o sujeito ao consumo.

Assim Stacechen & Bento (2008, p. 423) enfatiza que:

(...) Nota-se que há uma ligação direta entre o discurso capitalista do consumismo e a toxicomania, pois em ambos vê-se a promessa de uma felicidade fácil que conduzirá o

indivíduo ao seu consumo. Nesse contexto, a toxicomania é o lado sombrio e ilegal de um mundo voltado para o consumo extremo.

De acordo com Dantas & Tobler (2003), na relações humanas que envolvem o consumo, a questão da felicidade se une à lenda da igualdade. Portanto o conceito de bem-estar necessita ser medido por meio de objetos e signos para que possa ser semelhante.

Resultado do controle da idéia de felicidade, por meio, da quantificação através de objetos consumidos e da padronização de diretrizes, aparecem problemas no âmbito da individualidade e do perfil de portadores de sofrimento.

Com isso, os esforços que o individuo realiza com intuito de ser feliz, demonstra surtir o efeito contrario, isto é, colocá-lo num constante estado de sofrimento, deste modo, quanto mais o sujeito se torna manipulável a sedução e apelo dos objetos, mais ele vai de encontro ao vazio de sua vida. E a medida em que isso aumenta, mais ele deseja consumir desesperadamente.

Assim Dantas & Tobler enfatiza que (2003, p. 3):

(...) A cultura do consumo coloca o sujeito na condição de portador de um sentimento permanente de vazio desesperançado, sentimento este que contribui para a crença de que o remédio para a cura de seus males pode ser adquirido, comprando, ingerindo, incorporando.

No momento em que acontece situações desejadas pelo principio do prazer que se estende, constrói um sentimento de satisfação muito tranqüilo. As pessoas estão envolvidas a tal ponto que só podemos sentir prazer intenso de uma oposição, e tão pouco de um especifico estado de coisas. Deste modo as possíveis formas de felicidade estão reduzidas pela própria existência. No que diz respeito a infelicidade é mais acessível ao ser humano.

Na visão de Stacechen & Bento (2008), analisando os conceitos de Freud no que se trata da felicidade, ao associar com o consumismo proposto pelo autor, nota-se que ao falar do consumo contemporâneo, há uma procura ilimitada pela satisfação do que é desejado, que de alguma maneira, esse desejo, uma vez saciado, é logo suprido por outro, diante disto, é possível observar que os meios para atingir esta satisfação no que se refere ao consumo, não se iguala ao conceito de felicidade proposto por Freud. Já no que se trata do consumismo percebe-se que busca uma satisfação prolongada, porém resulta numa satisfação reduzida. E no caso desta redução, resultar em um prazer com menor intensidade, entende-se que o sujeito será induzido a procurar o aumento do prazer em uma nova ação de consumir. Assim o sujeito busca de qualquer maneira uma satisfação no que diz respeito ao consumismo. Isto quando não acontece de tampar esta lacuna decorrente do anterior.

Entende-se que a procura pela felicidade instantânea constata-se em âmbito geral, não somente nas relações de consumo, como também nas interações sociais, em que os demais, a cada dia, assumem características de uma mercadoria (STACECHEN & BENTO, 2008).

No passado o prazer imediato era suprimido em nome da ética do trabalho, que estipulava parâmetros para restringir, com a justificativa de que depois dos esforços ganharia recompensas, já na atualidade, é a idéia do consumo que vigora. Por meio desta, as pessoas buscam obter o que querem agora, sustentada pela idéia: “Goze agora a qualquer preço!” (STACECHEN & BENTO, 2008).

Desta forma, o prazer adquirido a partir das mercadorias, não acontece da satisfação que a aquisição do produto, ou seu uso lhe daria, mas das experiências fantasiosas, e da imaginação das pessoas. O que levaria ao consumo, seria a necessidade de obter na realidade, o desejo idealizado na forma de fantasia, e toda mercadoria nova renderia um novo modelo de fantasia. Após a compra do produto, o mesmo passaria pelas influências da realidade que o envolve. A causa disto culminaria na desilusão, pois o produto da realidade nunca poderá suprir as características dos produtos criados na imaginação (STACECHEN & BENTO, 2008).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível compreender a busca de um modo exagerado pela civilização, a qual, é explicada por Freud, nos condiciona a uma insatisfação constante, ou seja, nas melhores ocasiões, a pessoa vai ao entrar no ritmo do consumismo, estará sempre renovando seus desejos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, M.A; TOBLER, V.L. **O sofrimento psicológico é a pedra angular sobre a qual repousa a cultura do consumo.** In: CONGRESSO ABRAPSO, Brasil, 2003.

FREUD, S. **O Mal estar na civilização (1930-1936).** In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.73-83.

STACECHEN, L.F; BENTO, V.E.S. **Consumo excessivo e adicção na pós-modernidade: Uma interpretação psicanalítica.** Fractal: Revista de Psicologia, v.20, n.2, 2008, p.421-436.